

**Larissa Rezino**

Universidade Federal de São Carlos

## Traços de rostidade: por um corpo com uma cabeça sem rosto

O objetivo geral do texto consiste em apresentar o comentário crítico-estético do filósofo francês Gilles Deleuze a respeito das telas figurativas do pintor anglo-irlandês Francis Bacon no recorte dos conceitos que são caros ao tema do corpo na arte. Explanando a proposta teórica: Bacon cria em suas obras figuras deformadas em corpos não uniforme e, acrescenta Deleuze, despersonalizados por intermédio do movimento incorporado às figuras que fazem com que os desenhos em nada tenham a ver com o realismo reprodutivo e, tampouco, representacional. Em Bacon a figura do corpo humano não se coloca em termos de analogia entre semelhança e dessemelhança, mas em uma dialética que contradiz a referência do ser possibilitando a emersão de devires de variações entre corpo-sangue-carne-homem-mulher-animal-objeto entre outros. O pintor assevera seu interesse em pintar o fato, a intensidade produzida pelo corpo, do que propriamente a narrativa circunstancial na qual o corpo se aloca. Para Deleuze, Bacon alcançou seu objetivo. E em sua análise o filósofo acrescenta um ponto inovador que nos voltar para a outra noção importante presente nas telas: a desconstrução do eu através dos rostos deformados. Deleuze argumenta que Bacon é um pintor de cabeças e não de rostos, e que a cabeça é a parte constituinte do corpo e não da identidade. Assim, ele encontra nas telas de Bacon a noção de traços de rostidade que impõem uma nova dimensão do eu – sendo, nesse contexto, um eu considerado como a quarta pessoa do singular. Desejamos ao longo do trabalho trazer uma análise da teorização deleuziana sobre a desconstrução do corpo mediante a deformação do rosto em uma figura em devir partindo das obras de Bacon a fim de contrapor argumento e figura, auferindo no final do exercício intelectual a despersonalização do eu no corpo.

---